COMO PEDRO, LANÇAMOS AS NOSSAS REDES

Palavra de ordem. Viver a Rede! Rede compreendida como web e em especial, falamos de "Redes sociais", mais conhecidas como Social Network. Odiadas ou amadas, segundo a geração, se nativos ou imigrantes digitais, não importa, o que conta é *estar em rede*. Mas como se vive e se constrói essa rede?

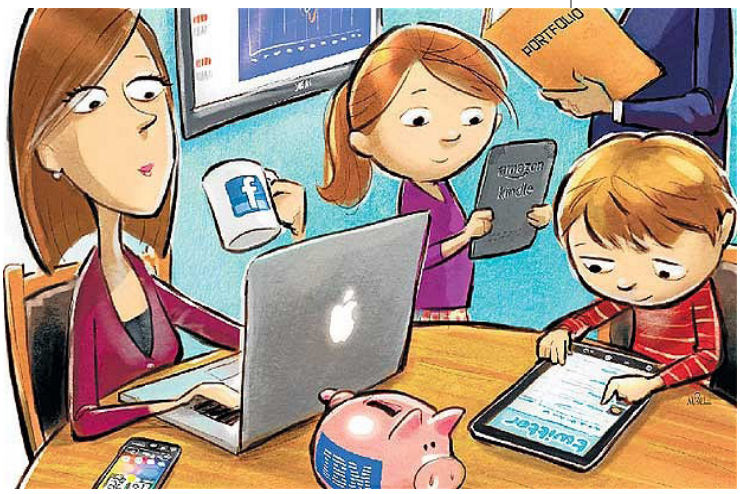
Uma imagem dela, carregada de significado e que, evangelicamente falando, nos recorda aquelas redes que Jesus ordenou a Pedro que as lançassem ainda uma vez, quando o apóstolo se encontrava na barca depois de uma noite infrutuosa, e que depois se encheram de peixes. Mas a web pode ser comparada, também, a uma porta, ou seja, a uma praça/agorà, típica da cultura mediterrânea, desde sempre parte integrante e fundamental da vida civil das nossas cidades. Hoje, esse espaço, que se povoa de pessoas virtuais, nos estimula a refletir sobre o nosso papel de comunicadores, valorizando qualidades positivas e analisando os defeitos desses instrumentos comunicativos.

Devemos reconhecer, pois, que sempre mais a delicada questão dos social media tenha entrado para valer no debate cultural, e para quem trabalha com os novos meios de comunicação, o tema não pode ser evitado.

Em pouquíssimos anos os social network se tornaram parte integrante da nossa vida, e quem não quer entrar e fazer parte dele esteja consciente de que será excluído de uma boa parte de processos comunicativos. Basta pensar no uso dos social diretamente nos nossos dispositivos móveis, que nos permitem não interromper jamais o processo comunicativo, como se estivéssemos vivendo em um perene fluxo de imagens, palavras e acontecimentos, mas ao mesmo tempo, a renunciar à nossa privacidade. Com o wi-fi livre, pode-se ser informados em tempo real daquilo que acontece no outro lado do mundo. A outra face da medalha, que não conseguimos mais ver um por de sol, sem tirar uma foto ou de ver um filme, sem responder ao amigo no WhatsApp, aterorizada quando onde nos encontramos não há "campo". Portanto, a constante possibilidadede de ser encontrado, induziu todos os comunicadores a se tornarem obstinados, agilizando os nossos estilos de vida. Ao mesmo tempo, a comunicação de vertical se transformou em horizontal, e como assinala um notável movimento político, a rede, ou seja, o povo, tem a última palavra.

Mas esse povo deve ser guiado, ou melhor direcionado, justamente por quem é comunicador por vocação. Multiformes e variadas, estas "próteses" tecnológicas, deveriam ajudar quem trabalha na comunicação e não desorientar. A quem critica o aspecto ambíguo que poderia representar os social network, respondo com uma frase que o bem-aventurado Tiago Alberione, fundador da Família Paulina, gostava de repetir, «lembrem-se de que vocês estão no mundo, mas não são do mundo».

Portanto, agir com consciência e respeito, ou seja, com discrição e, ousaria dizer, também com discernimento. Técnica esta, típica de um trajeto espiritual, que em geral, quem abraça a vida consagrada conhece bem. Portanto, quem comunica não pode e não deve se valer da força e do fascínio que a mídia esconde. No fluxo comunicativo encontramos de tudo e agora, o Google se tornou a bíblia do homem moderno, onde se pode encontrar de tudo e muito mais. Compreender que quem sabe comunicar bem é



também aquele que sabe quando e como fazê-lo e que, sobretudo, se requer espaços de silêncio, porque «quando palavra e silêncio se excluem mutuamente, a comunicação se deteriora, ou porque provoca certo transtorno, ou porque, ao contrário, cria um clima de frieza; quando, ao invés, se integram, a comunicação adquire valor e significado». [1]

Partilhar o nosso cotidiano não é suficiente, mas devemos suscitar pontos de refexão e debate que possam ajudar a reforçar a nossa identidade cristã. Há uma rede faminta de rostos, mas que muitas vezes é carente de conteúdos e indiferente em relação às sensibilidades pessoais, basta pensar no fenômeno do cyberbulismo.

Não podemos continuar a pensar que a rede seja uma duplicação da nossa existência, ali devemos ser nós mesmas e alimentar os nossos processos comunicativos, partindo do novo humanismo, que caracteriza o agir cristão.

Portanto, aquelas redes lançadas por Pedro, hoje são redes invisíveis, que deslizam sobre fios sutis de ondas magnéticas e que nós, profissionais da comunicação social, somos chamados a preencher de conceitos e utilizá-los da melhor forma possível, para poder recolher, também nós, novos peixes. Se o advento dos social media nos está estimulando sempre mais a uma mudança, não apenas dos nossos hábitos e do nosso modo de viver, mas também da leitura do mundo, não podemos permanecer alienados. Por isso, quem atua na cultura e na comunicação social, deve estar consciente de que essas linguagens não devem assustar e desorientar, mas enriquecer quem está à procura do Evangelho, e veicular a sua mensagem.

Francesca Baldini
Jornalista e Cooperadora paulina

[1] Benedetto XVI, Messaggio per la XLVI Giornata Mondiale per le Comunicazioni Sociali 2012